ARTHUR BILAC

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO

RIO CLARO
1987

ARTHUR BILAC

Centenário de Nascimento

Desenho de capa de
Percy de Oliveira

Rio Claro
Arquivo do Município de Rio Claro

1987

Em conjunto com a ABEA - Associação Bilac de Ex-Alunos, o Arquivo do Município de Rio Claro assinala, através deste opúsculo, o transcurso do primeiro centenário de nascimento do Professor Arthur Bilac, relembrando suas atividades de homem público, educador e literato.

A publicação transcreve o discurso que o Dr. Luís Carlos Raya pronunciou por ocasião do ato de encerramento da XXV Semana Bilaquiana, em 3 de maio de 1987, precedido de uma apresentação de Valderez Troppmair e do poema que Cida Bilac Jorge dedicou à memória do pai.

Ana Maria de Almeida Camargo

MEU PAI

Ele viveu
e conviveu
com o amor.
Sobreviveu.

Passados cem anos
do seu nascimento
e quarenta e seis,
de sua morte,
ele está vivo
na escola que edificou,
na memória dos ex-alunos,
na praça, no bronze eterno,
na beleza de sua poesia,
no coração dos que o amaram,
no azul de sua cidade.

Cida Bilac Jorge

Cidade Azul,
1987, Ano do Centenário do Nascimento de Arthur Bilac.

APRESENTAÇÃO

Apresentar Luís Carlos Raya ou apresentar um trabalho seu em Rio Claro e numa promoção de que a ABEA - Associação Bilac de Ex-Alunos - participa é totalmente desnecessário.

Acrescente-se que o comum é o apresentador ser um nome conhecido e bem reputado que avalize a obra e o autor.

Aqui acontece o inverso. Entretanto, muito consciente disso tudo, aceitei rápida e prazerosamente o convite de Cida Bilac e Ana Maria, pois quero deixar escrita minha admiração pelas atividades do abeano Charles Raya seja na profissão ou na vida literária e, principalmente, pelas posições corajosas que seus artigos refletem.

Médico pediatra de reconhecida competência - quantas mães rio-clarenses acorrem a Ribeirão Preto em busca de auxílio -, foi Presidente da Sociedade de Pediatria de São Paulo e da Sociedade Latino-Americana de Investigações Pediátricas. Jornalista e escritor, é dono de um estilo vigoroso e apaixonado. E para muita alegria da ABEA é ex-aluno e foi Presidente do Centro Cívico da escola quando estudante. Acima de tudo ele é uma pessoa profundamente preocupada com os problemas sociais e com o destino do ser humano e, como a escolha de sua especialidade médica evidencia, desde sempre ocupado com a infância e adolescência.

Os livros - **Da Infância à Adolescência; da Teoria à Prática** e **Educação: Caminho para a Liberdade** -, coletâneas de artigos publicados na imprensa de Ribeirão Preto, atestam sua vocação: a de lutar pela criança e adolescente, e isto significa lutar pelo futuro do Brasil, com persistência, lucidez e esperança.

Ouvir, na manhã de maio, Luís Carlos Raya, porta-voz da ABEA na Semana Bilaquiana de 1987, falar sobre o fundador da Escola de 2º Grau Arthur Bilac, este mesmo discurso que o Arquivo do Município de Rio Claro publica para comemorar o centenário de nascimento de Arthur Bilac, me fez meditar no que havia em comum nas duas vidas - a do homenageado e a do orador - e descobri que um mesmo ideal as perpassa, uma força que motivou o Professor Bilac a lutar por seus jovens e sua Rio Claro e impele Luís Carlos Raya a se dedicar com veemência na busca de mais justiça social, para que o abismo que separa os homens vá "desaparecendo, preenchido com o Amor, a Paz, a Felicidade, a Solidariedade, o Respeito, a Elevação Interior

contidos na mensagem de Cristo".

Rio Claro, 18 de setembro de 1987.

Valderez Troppmair

DISCURSO PRONUNCIADO EM 3 DE MAIO DE 1987
XXV SEMANA BILAQUIANA

Autoridades
Excelentíssimo Senhor Presidente da Associação Bilac de Ex-Alunos, Durval Xavier de Camargo
Caríssimos colegas e senhores diretores da ABEA
Prezados alunos do Bilac
Minha Família, meus amigos.

Seja-me permitido, inicialmente, manifestar os meus agradecimentos e a minha satisfação pela exagerada generosidade da Diretoria da Associação Bilac de Ex-Alunos, quando lembrou-se do meu nome para a honrosa tarefa de falar nesta solenidade. Não fora o profundo respeito que sinto pela lhaneza e pela ilibada conduta ética do presidente Durval e de seus pares, e me veria tentado a imaginar que esta incumbência seria a versão, educada e fraterna, de uma "carraspana", sem dúvida merecida, a um ex-aluno da Escola Técnica de Comércio "Prof. Arthur Bilac", que durante 34 anos furtou-se ao reencontro com seus companheiros de bancos escolares e que jamais encontrou tempo para participar da ABEA, que desde 1962 mantém unidos os bilaquianos e viva a chama do idealismo de Victorino Machado. Ainda que fosse essa a razão principal de minha eleição para orador neste ato de encerramento da XXV SEMANA BILAQUIANA, eu a teria aceitado com a mesma ponta de orgulho e com a mesma profunda humildade, valendo-me desta oportunidade, que corresponde a verdadeira absolvição pelo pecado da ausência, para voltar prazerosamente à minha escola e à minha gente, qual ovelha tresmalhada que reencontra alegremente o aprisco. Pois na tarde de 30 de março, em meio à azáfama na Secretaria Municipal da Saúde de minha cidade adotiva, Ribeirão Preto, foi-me entregue a correspondência do dia. Meu primeiro impulso, como sói acontecer com freqüência quando assuntos relevantes estão a exigir atenção, foi de apenas correr os olhos, sem grande interesse no momento, pelos envelopes fechados, postergando para a hora mais calma do crepúsculo a análise das cartas e ofícios. O movimento quase automatizado de atirar sobre a mesa todos os expedientes foi interrompido de súbito, numa paralisia instantânea do braço que o executava, quando a mão conduzia um envelope com o timbre da ABEA. A

curiosidade fez-me voltar inteiramente para aquela carta, a primeira que recebia da Associação, e a retirei num átimo do envelope. Foi com surpresa que a li, e a reli com interesse, para em seguida meditar sobre o convite para este discurso, tomado de justificada preocupação. Que credenciais poderia eu apresentar, e que palavras poderia dizer, numa comemoração tão rica e já tradicional em Rio Claro, que justificassem minha presença quase insólita e minha participação quase formal nas homenagens ao educador, poeta, jornalista, político e patriota Arthur Bilac? Sem opção, porque me repugnou desde o primeiro instante a idéia grosseira da recusa, decidi que deveria atender o chamamento da ABEA, que estava despertando em mim o jovem aluno do Bilac dos primeiros anos 50, mostrando que minha indiferença de tantos lustros recebia, em contrapartida altruista e elegante, a convocação para o retorno a uma das etapas mais felizes e importantes da minha vida. Tendo assimilado a ordem de participar desta reunião, passei a experimentar uma certa angústia, quando senti efetivamente, passado o primeiro momento de espanto e de deslumbramento pela lembrança, o peso da responsabilidade por este discurso. Imaginei a princípio que seria tudo muito fácil! A revisão dos dados biográficos de Arthur Bilac, uma passada d'olhos pela descrição de seus trabalhos e obras e a sempre agradável releitura de suas poesias seriam suficientes para municiar-me na redação do texto. Dei-me conta do atrevimento quando separei, da prateleira mais nobre de minha biblioteca, o livro histórico sobre a ABEA, e as **Semanas Bilaquianas,** de Victorino Machado, trabalho de fôlego, de entusiasmo, de pesquisa, de minúcias, de paciência e argúcia, descrevendo cada passo e cada ato, cada reunião e cada pronunciamento com a riqueza de detalhes e a precisão científica do espírito lúcido, atento, organizado e vibrante de seu autor. E à procura de subsídios para o meu pronunciamento, que deveria obrigatoriamente reverenciar a memória do ilustre homenageado, retomei o **Cidade Azul,** coletânea das admiráveis e apaixonadas poesias de Arthur Bilac, expressão do parnasianismo e também do romantismo, que para as almas sensíveis e para os corações ternos conservam o amor e a graça, inspiram devaneios e renovam a alegria de viver. E revi, com a data de 29 de fevereiro de 1971, a dedicatória carinhosa e generosa de Maria Aparecida Bilac, oferecendo o livro ao Charlie, como me chamavam nos tempos idos e vividos de minha infância e

adolescência rio-clarense. Há momentos em que não se pode, nem se deve conter as lágrimas que brotam de alguma fonte inesgotável de emoções, lá no fundo do nosso ser, talvez do espírito, e que trazem à superfície do corpo, pelos olhos que são o espelho d'alma, os sentimentos que a povoam, e na releitura da oferenda chorei-sorrindo, deixando que o vídeo-tape do meu passado, até então depositado num recôndito qualquer do arquivo neuropsicológico, rodasse tranqüilamente na memória que despertava. Cida Bilac, que é sem dúvida, juntamente com a irmã e secretária Terezinha, o testemunho vivo e eloqüente da capacidade intelectual, pedagógica, idealística e de trabalho de seu Pai, poderia ser o nosso material de experimento "in anima nobile" para comprovarmos, cientificamente, as leis naturais que regem o mundo e as relações entre os seres. A lei da afinidade, que nós espiritualistas estudamos, para evidenciar que espíritos de escol, evoluídos e incumbidos de igual missão, vêm à Terra para habitar o mesmo núcleo familiar, a mesma equipe de trabalho, a mesma comunidade responsável por obra tão grandiosa que ultrapassa o tempo de uma geração e que transcende por vezes a simples existência material. Essas almas, no mesmo estágio de progresso, se juntam para que não haja solução de continuidade na tarefa proposta, e tal é o caso da família Bilac, onde Arthur e D. Semíramis se continuaram nos filhos, e o edifício da cultura e do ensino construído pelo corajoso mestre jamais deixou de crescer e de cumprir suas nobres e sacrossantas finalidades, através do trabalho lamentavelmente efêmero do Geraldo, da direção diligente da Cida, da dedicação constante da Terezinha e do apoio responsável do Tuzuca. A lei da hereditariedade, que na genética dá as explicações para a transmissão dos caracteres e aptidões, traços do genotipo e do fenotipo. E a lei do progresso, segundo a qual o ambiente e a orientação dos pais e também dos educadores devem permitir a cada criatura a utilização de todas as suas potencialidades interiores, mostrando o caminho da evolução não só intelectual, mas sobretudo moral, que precisa seguir aquela, a fim de que não se perca no utilitarismo, no personalismo e nas disputas materiais, pois "o verdadeiro interesse do ser humano é o desenvolvimento total dessas potencialidades como espírito imortal, e não a conquista de posições e vantagens materiais a qualquer preço, tomando parte em competições que arrasam o equilíbrio mental", como nos ensina Carlos Rizzini. Respeitando embora a individualidade de

cada um dos filhos, foi exatamente essa a conduta de Arthur Bilac, coadjuvado por sua companheira, no cumprimento consciente e integral da lei do progresso, com tanto amor e tirocínio, que seus sucessores, tanto quanto eles, continuam seguindo rigorosamente esse princípio cristão e ético de maneira admirável! Cida Bilac escrevera: "li certa vez que há no médico verdadeiro e no poeta algo de comum: a intuição. Através dela o poeta recria a beleza da vida e o médico suaviza a dor, prolonga a vida". E completa com palavras amáveis, gratificantes e estimuladoras oferecendo-me "as poesias de meu Pai". Penso que o poeta e o médico servem a mesma deidade, que representa o amor e a paz; um e outro devem suavizar a angústia, aliviar a melancolia, minimizar a dor, alimentar esperanças, transmitir alegria, mitigar o sofrimento, valorizar a vida, pois é tão íntima e completa a ligação da alma com o corpo físico, que nos desequilíbrios daquela ou nos distúrbios deste, sempre com repercussão recíproca, poeta e médico se completam na terapia. Seria tão útil se a receita do doutor ao doente fosse acompanhada de alguns versos, que por certo lhe faria sorrir o coração, e eu não hesitaria um só momento para juntar à minha prescrição uma poesia como a "D. Felicidade":

"D. Felicidade
Já me quiz abandonar
Pensando ouvir-me chorar,
Vendo que era outra a verdade,
Resolveu não ir-se embora.
D. Felicidade
Não gosta nem um pouco de quem chora."

Vejo que inúmeros colegas, vários discípulos e muitos admiradores de Arthur Bilac me precederam nesta e em outras tribunas, em várias e importantes solenidades, falando da personalidade, do trabalho, da cultura, da tenacidade, da obra, do patriotismo, da literatura e da herança de Arthur Bilac, e ao reler os discursos de Marcelo Mesquita, Januário Sylvio Pezzotti, Maria Aparecida Bilac Jorge, Victorino Machado, Manoel José da Silva, Ethelwold Hellmeister Júnior, Durval Xavier de Camargo, sinto-me pequeno demais para traçar-lhe o perfil, conhecido de toda Rio Claro e respeitado em todo o país. Direi apenas que, nascido em Laranjal Paulista no dia 12 de fevereiro de 1887, recebeu seu diploma em Ciências Comerciais na cidade do Rio de Janeiro, e foi jornalista em São Carlos do Pinhal, para chegar a esta cidade em 1913, como professor da

Escola de Farmácia e Odontologia, de curta duração. Mas, enamorado da cidade que o acolhera, e arrebatado namorado - até o último de seus dias - de D. Semíramis, a sua Noca, Artur Bilac deixou-se ficar em Rio Claro, dando asas à sua verdadeira vocação e arrostando todas as dificuldades para iniciar efetivamente uma carreira de educador, cidadão prestante, homem público e literato junto à comunidade que adotara como sua e de onde se irradiou a força, a pujança e a excelência de sua obra. De uma visão ampla e dotado de magistral capacidade de previsão, entendeu que era preciso, num mundo em mudanças estruturais profundas, que também nossa Pátria deveria preparar-se para a era da tecnologia, na qual precisariam sobressair as ciências econômicas, que em última análise seriam exigidas para o diálogo comercial e o relacionamento empresarial e internacional entre produtores, vendedores e compradores dentro e fora do nosso território. E se bem pensou, melhor o fez: por volta de 1916 iniciou o primeiro curso de ensino comercial em Rio Claro, oficialmente fundado no dia 3 de maio de 1921, com o nome de Instituto Comercial de Rio Claro, mais tarde transferido para o local onde se encontra até hoje a tradicional escola, que passou a chamar-se Escola Técnica de Comércio "Prof. Arthur Bilac". A evolução contínua e ininterrupta de seu estabelecimento de ensino, mesmo após o seu desencarne, a 4 de agosto de 1941, aos 54 anos, comprovam sua extraordinária clarividência e atestam a veracidade de que a boa semente, lançada por semeador habilidoso em solo fértil, transforma-se em árvore frondosa e gera frutos, flores, perfume e sombra para alimentar, proteger, inebriar e dar forças a gerações sem conta. A hoje Escola de 2º Grau "Arthur Bilac" é uma dessas árvores, das poucas que o Brasil, mercê de uma política educacional míope e alienada, ainda se orgulha de possuir. Integrado à vida rio-clarense, Arthur Bilac participou de todas as atividades da cidade, como escritor em imprensa, orador eloqüente e culto, poeta de rara sensibilidade, Juiz de Paz, político filiado ao Partido Republicano Histórico conduzido à Câmara de Vereadores da qual foi presidente, mas o maior de seus títulos é o de educador emérito, precursor do moderno ensino de pelo menos quatro disciplinas fundamentais para a formação dos jovens e da Nação: ciêncais contábeis, humanismo, patriotismo e amor! Recordo ainda, pela vibração da alma paulista e pelo horror ao autoritarismo, que Arthur Bilac, impedido por defeito físico de meter-se nas trincheiras da

Revolução Constitucionalista, fez de sua escola a sede do Correio Militar do M.M.D.C., cumprindo a tarefa de manter a união e o moral entre nossos bravos soldados e suas famílias. A marcha "Soldado Rio-clarense" é um libelo contra as ditaduras e um hino de louvor à coragem:

"Liberdade! Liberdade!
Sonho d'ouro das nações,
Te arrancaram desta terra
Almas cheias de ambições!
Liberdade! Liberdade!
Ser escravo é não viver
Nossa vida te pertence,
Livres, sim, ou então morrer!

Eia! Vamos para a luta
Nosso sangue derramar,
Libertemos nossa Pátria
De tirania sem par!
Nela está nosso Rio Claro,
Bravo filho da Nação! ...
Cada moço rio-clarense
É um soldado da Constituição.

Nossas mães, noivas, esposas,
Filhas e irmãs a sorrir,
Se ufanam destes soldados
E beijam-nos ao partir! ...
Liberdade, deusa santa,
Vamos nós buscar-te enfim,
Liberdade! Liberdade!
Nunca foste linda assim!"

Nos sucessos do Bilac, que foram escritos por Victorino Machado, em seu livro sobre a ABEA até 1981, e que nos últimos anos continuam com os professores, alunos e ex-alunos da escola, cobrindo de orgulho o povo de Rio Claro e d'além fronteiras, está a predestinação histórica, no campo educacional, de Arthur Bilac, e que todos os senhores, com mais propriedade do que eu, têm testemunhado e vivido. E ao recordar-me da contribuição inestimável de Victorino Machado para a formação de dezenas de gerações de rio-clarenses, confesso o misto de emoção, alegria, vaidade e orgulho que me invadem o peito, porque fui seu aluno durante anos aqui no

Bilac, e também no "Joaquim Ribeiro". Nunca mais me esqueci do seu exercício nº 1, conselhos e lições da mais profunda sabedoria: "Os corações, como as portas, podem ser abertos com facilidade e com chaves minúsculas. Não nos esqueçamos que essas chaves são: com licença, faça o favor e muito obrigado". Não foi, portanto, por acaso que as idéias de fundar a ABEA e de homenagear, para exemplo aos pósteros, o Prof. Arthur Bilac, brotaram da mente de Victorino Machado; os dois se completam, são almas gêmeas, irmãos siameses da educação e da honra, e por certo estão, no Mundo Maior, ensinando às almas renitentes e às principiantes tudo sobre suas especialidades, especialmente sobre moral, ternura e perseverança. Não posso, ao final, quando pincelo com pobreza e teimosia, nesta tela azul do céu de minha cidade, esboços de mestres imortais, deixar de voltar à realidade destes brasis, pois precisaríamos de muitos Bilacs, não só do Arthur e de seus filhos, de muitos Victorinos, não só do nosso Machado, de muitos professores e profissionais bilaquianos, para corrigir a ignorância, a indigência e a tristeza que comprometem o presente e o futuro de nossa Pátria, tanto quanto a ambição desmedida e a corrupção vil que comprometem a praxis política. Tivéssemos, disseminados pelas cidades e vilas deste país, homens e mulheres dessa estirpe nobre, altruista e culta, legiões de seguidores de Arthur Bilac, e certamente não precisaríamos lamentar os 40 milhões de brasileiros que subvivem abaixo da linha da miséria, nem as 8 milhões e 400 mil crianças de 7 a 14 anos que não freqüentam escolas, nem os 20 milhões de meninos e meninas menores de 6 anos sem assistência pré-escolar; também não estaríamos reclamando dos mais de 20 milhões de analfabetos totais e dos quase 40 milhões de analfabetos funcionais, produtos do MOBRAL e que aprenderam a ler mas não a interpretar. Provavelmente, nossos 32 milhões de menores carenciados ou abandonados estariam protegidos e receberiam orientação para uma vida digna e produtiva. Mas a exortação, que sempre foi a de Arthur Bilac e continua na pregação de civismo e de doação ao próximo que impregnam sua escola, sob a coordenação de Maria Aparecida Bilac, é para que nos conscientizemos todos da necessidade imperiosa de lutarmos pela construção de um mundo novo, que requer também um homem novo, onde a justiça social, a paz, a cultura, a fraternidade e a felicidade não sejam uma utopia para a maioria, mas façam parte intrínseca da vida de cada um.

Obrigado, Arthur Bilac, pelas lições de vida, pelo seu legado, pela sua arte. Obrigado a todos os docentes que já passaram e que atuam nesta escola. Obrigado, Cida Bilac e seus irmãos. Obrigado, meus amigos da ABEA e de Rio Claro. Obrigado, ó Deus, por esta vida, por estes ensinamentos, pela oportunidade do reencontro, pela dádiva do entendimento, pelo livre arbítrio, pela fé nos destinos da humanidade, e pela inspiração para saudar Artur Bilac e sua obra imperecível. Continuemos irmanados no mesmo ideal de amor e desprendimento!

Muito obrigado.

Luís Carlos Raya